



Mito e linguagem

Os limites da articulação da *Filosofia das formas simbólicas* e o irrompimento do mito na cultura iluminada

Myth and Language
The Limits of the Articulation of the Philosophy of Symbolic Forms and the Irruption of Myth in Enlightened Culture

José Ygor de Almeida Barros

Resumo

O presente trabalho pretende discutir o enfrentamento da fragmentação nas ciências humanas, proposto por Ernst Cassirer (1874-1945), segundo o filósofo, no final do século XIX e início do século XX as ciências humanas fragmentaram-se de tal modo que cada área reduzia a cultura humana ao seu próprio objeto de estudo. Ele via essa desagregação como natural à ciência, incluindo as ciências naturais, que reduziam o mundo a diferentes perspectivas: biologia, física ou química, ameaçando a unidade do conhecimento. O trabalho propõe expor as formas simbólicas do mito e da linguagem, como descrito por Cassirer em sua *Filosofia das formas simbólicas*, e investigar suas articulações e limites. A *Filosofia das formas simbólicas* busca unir diversas orientações em um sistema com unidade funcional. No entanto, em *Ensaio sobre o homem* de 1944, influenciado pelo totalitarismo, Cassirer revisou sua percepção otimista, inclusive enquanto à superação do mito. A hipótese central é que a unidade da funcionalização do conhecimento pode manifestar-se como totalitarismo cultural e político.

Palavras-chave

Filosofia das formas simbólicas, linguagem e mito, funcionalização, totalitarismo.

Abstract

This paper aims to discuss the confrontation of fragmentation in the human sciences, as proposed by Ernst Cassirer (1874-1945). According to the philosopher, at the end of the 19th and beginning of the 20th centuries, the human sciences fragmented to such an extent that each area reduced human culture to its own object of study. He saw this disintegration as natural to science, including the natural sciences, which reduced the world to different perspectives: biology, physics, or chemistry, threatening the unity of knowledge. This work proposes to expose the symbolic forms of myth and language, as described by Cassirer in his *Philosophy of Symbolic Forms*, and to investigate their articulations and limits. The Philosophy of Symbolic Forms seeks to unite diverse orientations into a system with functional unity. However, in *Essay on Man* of 1944, influenced by totalitarianism, Cassirer revised his optimistic perception, including regarding the overcoming of myth. The central hypothesis is that the unity of the functionalization of knowledge can manifest itself as cultural and political totalitarianism.

Key-words

Philosophy of symbolic forms, Language and myth, functionalization, totalitarianism.

DOI: <https://doi.org/10.53000/simbolica.v2i00.5459>

1 Introdução

Ao final do século XIX e início do século XX, as ciências, sejam elas do espírito ou naturais, apresentavam-se em desagregação em função da cultura humana e seu próprio objeto de especialização. Segundo Cassirer, a *Aufklärung*, i.e., a modernidade iluminista, era apenas mais um exemplo (Garcia, 2014, p. 40-41). Nesse período, as ciências humanas enfrentavam o problema de sua desagregação e estruturação no positivismo lógico, essa desagregação, considerada natural à própria ciência e ao método de abordagem a partir do que Cassirer chamará de “estrutura conceitual lógica peculiar”. As ciências naturais estavam sujeitas ao mesmo problema, dado que as tentativas de compreender os fenômenos de acordo com suas estruturas conceituais particulares reduziam o mundo a diferentes pontos de vista entre as grandes áreas das ciências biológicas, físicas e químicas.

Deste modo, a *Filosofia das Formas Simbólicas* em seu conjunto tem como objetivo uma sistematização dos fenômenos do conhecimento a partir da crítica das suas condições de possibilidade, assim, a ela não importa somente encontrar a origem do conhecimento ou seu resultado último, mas sua articulação como um todo. O resultado parcial disso seria que “a almejada e exigida unidade do ser ameaça dissolver-se em uma simples multiplicidade das coisas existentes”. Em seu projeto fundamental, a princípio, as *formas simbólicas* da linguagem e do mito (1923-1924) se apresentam como “uma teoria geral das formas de expressão do espírito”, em uma palavra: da formação e expressão da cultura.

Considerando que a Filosofia das Formas Simbólicas não é apenas uma sistematização do conhecimento, mas também das formas de expressão do espírito, ela pretende compreender partindo da forma mais elementar da consciência, desde forma mítica até os seus níveis mais funcionalizados em linguagem conceitual, assim é possível apontar como problemática a delimitação de um claro limite entre mito e linguagem; mais problemático ainda é aceitar pacificamente uma superação daquele por este.

Neste sentido, podemos formular as seguintes questões: é possível delimitar um claro limite entre mito e linguagem? Para essa problemática realizaremos uma investigação a partir dos três tomos das obras *Filosofia das Formas Simbólicas* e *Linguagem e Mito*, buscaremos evidenciar o que chamaremos aqui de *limite sem fronteiras* entre uma forma simbólica e outra. Por conseguinte, buscaremos explicitar a unidade simbólica e os ganhos culturais na filosofia de Cassirer, até chegar à nossa segunda problemática: quanto do pensamento mítico está impregnado na nossa linguagem e por mais funcionalizada que ela possa se apresentar, como essa articulação se mostrou ser danosa à cultura humana? Sobre esta segunda, não buscaremos resolvê-la

ou reconstruí-la geneticamente, limitando-nos apenas em seu apontamento fundamental.

2 O programa originário: a necessidade da linguagem e do mito

O programa originário da *Filosofia das Formas Simbólicas* surge a partir de um impasse, ou mais precisamente, de um limite epistemológico enfrentado por Cassirer ao tentar aplicar os princípios desenvolvidos em sua obra de 1910, *Conceito-substância e conceito-função*, às Ciências do Espírito (Geisteswissenschaft) (Garcia, 2014, p. 40-41). Em sua investigação, Cassirer concluiu que sua abordagem sobre o conhecimento, a partir da funcionalização das ciências, não conseguia abranger adequadamente o Fenômeno do Espírito, impõe-se, neste sentido que as chamadas Ciências da Cultura (Kulturwissenschaft) cumpriram este papel estruturante, porém sem a possibilidade de uma unidade sistemática, deste modo, Cassirer propõe uma ampliação no seu programa epistemológico (Cassirer, 2001, p. 18).

Destaca-se, a partir dessa ampliação, que o avanço no entendimento dos processos cognitivos depende da inclusão do papel ativo da *expressão* (Braga, 2012, p. 46-47), o que significa que a organização do conhecimento está profundamente conectada à atividade expressiva. Isso não apenas se distancia das abordagens filosóficas focadas exclusivamente nos processos internos da consciência, mas também considera que a construção da subjetividade ocorre através de estruturas sensíveis que medeiam a comunicação. Em vez de buscar a consciência imediata do sujeito, a subjetividade é moldada pela geração e comunicação de significados, onde reside seu potencial configurador.

Portanto, o projeto fundamental da *Filosofia das Formas Simbólicas* visa uma exposição sistemática das condições das notações fundamentais do conhecimento e sua relação com a função expressiva, conduzindo-nos à *crítica da cultura* (Cassirer, 2001, p. 22), no contexto dessa ampliação, Cassirer se depara com o *Faktum* das ciências, não mais limitando-se às ciências matemáticas. A proposta de Cassirer busca ser uma teoria geral das formas de expressão do espírito e da formação da cultura. Assim, Cassirer, busca articular essas duas formas simbólicas investigando, à priori, sua articulação e seus limites uma na outra, nos encaminhando à análise separada das duas formas simbólicas que se desenvolvem sistematicamente.

Na linguagem, podemos resumir essas notações em cinco. São elas: 1) a linguagem ideal e o problema da universalização do signo, que se sedimentam em uma determinada tradição filosófica, conhecida como idealista, de modo que nela, a linguagem se expressa nessa substancialização do pensamento filosófico-especulativo; 2) a linguagem e o problema da representação de manifestações individuais, a tradição de filósofos empiristas tentou tratar deste

problema propondo uma sistemática da linguagem em uma gramática universal que tinha como objetivo resolver a lacuna deixada pela sedimentação filosófico-especulativa levando a proposição de uma gramática universal que pudesse traduzir todos conceitos filosóficos em diversas linguagens, tendo como resultado; 3) a linguagem enquanto sistematizadora de saberes: uma espécie de linguagem enciclopédica, onde a linguagem apareceria em sua espontaneidade e salvaguardaria a liberdade de criação dos conceitos e de sua organização, tal operação incorporou à linguagem os questionamentos sobre sua origem e suas formas expressivas; 4) segundo os românticos tal garantia de liberdade nos remeteria a “origem” dessa linguagem¹, para os românticos a linguagem se conduziria mais para uma espécie de fenômeno capaz de dar conta da expressividade das formas da natureza e do espírito, essa concepção foi substituída pela funcionalização desta em; 5) uma linguagem científico-técnica que foi responsável por traduzir as leis da natureza para a consciência humana e reproduzir esse modelo nas manifestações do espírito.

A primeira nota característica que gostaria de ressaltar reside no fato do notório progresso dessas formas de funcionalização da linguagem no primeiro tomo e que, muito embora isso indique inegavelmente um progresso, essa funcionalização sempre se sedimenta em um conteúdo substancial que acaba por se mostrar um aspecto do passado. Por outro lado, como bem observa Braga (2012, p. 53), o mito é antes de tudo “um ponto de partida seguro para a compreensão da formação das dinâmicas culturais”, de modo que, são observáveis três pontos fundamentais para compreender o fenômeno da consciência mítica, a saber: 1) a consciência mítica e o problema da apreensão dos objetos: como uma das principais notas características da consciência mítica é uma certa homogeneidade entre espaço e tempo, a compreensão mítica do mundo é muito confusa em relação a formas mais funcionalizadas da consciência; 2) da consciência mítica sobre a homogeneidade do espaço, tempo e número: apesar da homogeneidade de apreensão de espaço, tempo e número a consciência apresenta uma capacidade de reunir leis e lógicas mediadas por crenças e tabus ligados ao mundo natural, aqui, consciência e natureza ainda se confundem, o que nos conduz ao; 3) que é o reconhecimento do eu e da alma, que na consciência mítica é entendido como um eu difuso impregnado de elementos naturais propriamente míticos que o impedem de se desagregar da natureza pura, de modo que o reconhecimento do próprio indivíduo enquanto indivíduo se torna problemático.

¹ É pertinente salientar que os próprios modernos, sobretudo Leibniz, foram críticos ferrenhos da noção de linguagem adâmica, acusando-a de mítico-religiosa, cf. Cassirer, E. *Filosofia das formas simbólicas: a linguagem*, 2001, p. 101-103.

A sistematização feita por Cassirer nos revela que o fenômeno da consciência tem como articulação central funções simbólicas que se manifestam predominantemente nas formas simbólicas do mito e da linguagem como determinações fundamentais para tornar cognoscíveis os *fenômenos de base* (Basisphänomene)². Partindo da tese fundamental de M. Müller, Cassirer propõe a seguinte articulação em *Linguagem e mito*, de 1925³: “Se o mito, [...], não é senão a obscura sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento, não se compreende então como essa sombra se torna sempre a revestir-se com o esplendor de sua própria luz [...]” (Cassirer, 1987, p. 23), essa percepção encontrada na obra de 1924, foi reforçada por Cassirer em “*O pensamento mítico*”, o autor sugere um problema a partir do fato de que mesmo os mitos e seus registros estão gravados na linguagem, o que nos encaminha à reflexão de que então a própria linguagem carrega, inevitavelmente, os sedimentos míticos como uma condição de possibilidade da própria comunicabilidade.

A questão sobre a “origem da linguagem” está indissolivelmente entrelaçada à da “origem do mito” – as duas só podem ser formuladas se unidas e em relação recíproca uma com a outra. O problema dos primórdios da arte, dos primórdios da escrita, dos primórdios do direito e da ciência nos reenvia, na mesma proporção, a uma etapa em que todos ainda repousam na unidade imediata e indiferenciada da consciência mítica. Os conceitos teóricos fundamentais do conhecimento, os conceitos de espaço, tempo e número, os conceitos jurídicos e sociais, como por exemplo o conceito de propriedade, assim como também as construções da economia, da arte e da técnica só paulatinamente desprendem-se desse invólucro e confinamento. (Cassirer, 2004, p. 4)

Deste modo, o mito é entendido aqui, como uma das formas de produção do espírito humano. Por um lado, avaliza a possibilidade de nos defrontarmos com a força expressiva da cultura humana, embora esteja enraizada em determinações ainda imprecisas da linguagem – o que pode ser observado no esforço das tentativas de explicação da realidade (Cassirer, 2009, p.60-61); por outro, a forma simbólica mito doa sentido histórico-expressivo à funcionalização da linguagem, Cassirer sugere, ainda no primeiro tomo da sua obra principal,

² Essa discussão será aprofundada em um texto de 1940, (Über Basisphänomene) *Sobre os fenômenos de base*, que será publicado, apenas postumamente, no Vol. 1 de sua coleção completa ECN (Ernst Cassirer Nachlass).

³ A obra discutida por Cassirer neste escrito trata-se da “Sobre a filosofia da mitologia”, publicada na reimpressão como apêndice à edição alemã da *Introdução à Ciência da Religião Comparada*, 2ª ed., Estrasburgo, 1876.

que essa função expressiva da linguagem é um ganho do ponto de vista do conhecimento, isto é, das lógicas simbólicas em seu tempo⁴.

Se o projeto da *Filosofia das Formas Simbólicas* se inicia a partir de uma autodeclarada limitação epistemológica na tese fundamental de *Conceito-substância e conceito-função*, sua conclusão, por assim dizer, prévia na *Fenomenologia do conhecimento* em 1929, retoma e encerra essa limitação pela mediação construída através das formas simbólicas entre linguagem e mito:

A partir dos resultados obtidos, apresentados nos volumes um e dois desta obra, este terceiro volume busca agora tirar conclusões sistemáticas. Ele se esforça para tornar claro o novo conceito de “teoria” adquirido em toda a sua extensão e na riqueza total de possibilidades de configuração que abriga em si. Buscou-se mostrar aqui como o do estrato do conhecimento conceitual, “discursivo”, está estruturado e baseado naqueles outros estratos mentais, revelados pela análise da língua e do mito (Cassirer, 2011, p. 2).

É importante ressaltar que, embora Cassirer seja conhecido como um neokantiano, sua filosofia se propõe a ultrapassar o abismo dicotômico da filosofia kantiana ao “transformar o esquematismo numa correlação indivisível entre “sensibilidade” e “sentido” (Sinn)” (Braga, 2012, p. 48), e deste modo transformando a filosofia das formas simbólicas numa filosofia da expressão do diverso (Porta, 2011, p. 59-60), portanto, profundamente enraizada na condição da cultura.

3 Formas simbólicas e cultura

Procuramos entender até aqui o projeto originário da FFS a partir da articulação entre linguagem e mito, e do limite entre essas duas formas simbólicas. Limite este, que como constatamos, não exerce fronteira propriamente clara e na medida em que a procuramos ela se mostra mais turva. Nesse sentido, podemos extrair duas consequências fundamentais: a primeira, já trabalhada, é uma consequência epistemológica, já que o limite entre linguagem e mito não é claro – ou inexistente –, é possível extrair uma

⁴ R. Garcia argumenta, com razão, que dentro da enorme abrangência do projeto da filosofia das formas simbólicas, encontram-se como interlocutores a lógica simbólica de B. Russel e G. Frege; nesse sentido, embora não se possa afirmar, por um lado uma crítica direta ou por outro lado um apartamento ferrenho, Cassirer compreenderia um ganho de conhecimento nessas formas lógicas mais atuais, entretanto, segundo seu projeto, não se poderia encerrar as condições de compreensão sistemática do conhecimento nesse modelo lógico cf. GARCIA, R. *Genealogia das Formas Simbólicas: sobre a Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer*, 2014, p. 41.

implicação positiva dessa imbricação, pois impediria uma funcionalização desmedida de elementos da linguagem que compõem a cultura humana; a segunda, que será trabalhada agora, está voltada às reflexões culturais de E. Cassirer e nos diz respeito a possíveis implicações éticas e políticas de seu pensamento.

O pensamento de E. Cassirer abrange múltiplas áreas do conhecimento humano, outrossim, seu nexos central, sua Filosofia das Formas Simbólicas encontra no campo da cultura a possibilidade de sistematização necessária para as expressões do *Espírito*. Cassirer amplia o debate sobre o horizonte de sentidos que a filosofia pode dar aos fenômenos sem perder-se em abstrações totalizantes ou no esquematismo transcendental. Deste modo, segundo o autor, a existência espiritual da humanidade tem como condição fundamental a capacidade de compreender e dar sentido ao mundo simbolicamente através do campo da cultura; o homem seria, portanto, um *Animal Symbolicum*.

Mostra-se relevante o reconhecimento de que, embora a forma simbólica da linguagem exerça uma forte influência na estruturação das formas simbólicas, é, porém, em sua fase expressiva – predominantemente encontrada na forma simbólica do mito⁵ – que, segundo Cassirer, ocorrem as articulações de exteriorização e configuração da cultura. Destarte, a partir dessa compreensão genética de cultura, podemos observar a construção do *ideal de cultura* de Cassirer (Cassirer, 2021, p. 50)⁶.

Com base no exame conduzido, não é possível afirmar a existência de uma prevalência entre uma forma simbólica e outra, outrossim, podemos observar o entrelaçamento entre as outras formas simbólicas (que veremos doravante). Nesse sentido, entende-se que uma unidade conceitual que oriente o conhecimento premente é impossível, entretanto, podemos afirmar que Cassirer propõe uma *unidade simbólica* que tem como desdobramento o pluralismo simbólico. Como já explorado, o projeto originário da Filosofia das

⁵ É sempre pertinente reconhecer que tal articulação não se restringe exclusivamente ao mito; no entanto, a este cabe uma posição de prevalência no contexto em análise, na medida em que ele constitui a primeira manifestação do esforço humano de organização racional.

⁶ “Os pensadores da Aufklärung definiram a ideia de “cultura” a partir de uma lógica filosófica com um cunho essencialmente teleológico-normativo” (Braga, 2012, p. 44), a respeito disso, J. Braga comenta que Cassirer, contrariando algumas críticas antecipadas, se afasta da denominada “alta cultura” (*Hochkultur*), bem como afasta-se de concepções organicistas de definição de cultura, embora seja herdeiro do iluminismo de Kant, que entende a cultura enquanto senso moral, Cassirer parece se aproximar mais da concepção proposta por Herder, isto é, uma concepção histórico-cultural. Segundo Braga, Cassirer a entende geneticamente, como “ideal de cultura”, tendendo mais à noção de *forma* para compreensão das expressões do *Espírito*. Cf. Braga, J. *Revisão de um itinerário filosófico da ideia de cultura ao conceito de forma simbólica*, 2012, p. 45; Braga, J. O estatuto da “obra” do objecto cultural em Ernst Cassirer, in: Braga, Joaquim; Garcia, R. (Orgs.). *Antropologia da individuação: estudos sobre o pensamento de Ernst Cassirer*, 2017, p. 43.

formas simbólicas dividiu-se em três: (1) a linguagem, (2) o pensamento mítico e (3) a fenomenologia do conhecimento.

O caráter estrutural de crítica da cultura que esse projeto assume manifesta-se em duas obras fundamentais, a saber: *Indivíduo e cosmos na filosofia do renascimento* (1927) e *A filosofia do iluminismo* (1932), além de sua ressystematização em 1944 em *O ensaio sobre o homem*. Salienta-se, nesse contexto, que embora essas sejam obras em que Cassirer realiza uma configuração e sistematização histórica, elas são observadas aqui a partir de sua perspectiva de ressystematização, como formas de expressão do Espírito, isto é considerando que sua articulação dialética possibilita sua inserção numa estrutura funcional, e, portanto, simbólica, que possibilitem a síntese dessa problemática em um determinado período de tempo; o que vai muito além de uma historiografia dos conceitos.

Na obra de 1927, publicada entre a segunda e a última obra da *Filosofia das formas simbólicas*, Cassirer argumenta que é possível coadunar uma unidade relacional das muitas questões da filosofia do Renascimento a pontos centrais bem definidos, resolve-se a questão da relação entre a reflexão teórica e as outras forças vitais que moldam o conteúdo espiritual dessa época. Nesse contexto, o pensamento filosófico não é visto como um elemento isolado ou abstrato, mas como uma parte integrante e ativa do movimento espiritual, influenciando e sendo influenciado por ele. A reflexão teórica não é apenas uma parte do todo, mas ela também expressa e simboliza esse todo de forma conceitual (Cassirer, 2001, p. 11).

Encontramos efetivamente nessa obra de 1927 o enredamento entre linguagem e mito proposto como nota característica da unidade conceitual e simbólica no período do Renascimento é: “O caráter escolástico, justamente, de que esta filosofia ainda parece estar totalmente revestida, implica o fato de ainda não ser possível traçar uma linha divisória nítida e clara entre o pensamento filosófico e o movimento das ideias religiosas.” (Cassirer, 2001, p. 7). Para Cassirer, ainda é possível encontrar um ganho central na filosofia de Nicolau de Cusa, onde essa tensionalidade tende a uma *funcionalização* do conhecimento, expressos na obra como conciliação entre espírito e mundo, e, intelecto e sensibilidade (Cassirer, 2001, p. 76-77).

Essa tensionalidade, que é conceitual na filosofia de Nicolau de Cusa e cultural do período do renascimento, expressa o ganho histórico-conceitual-relacional que a funcionalização expressa enquanto autorreflexão do Espírito humano. O projeto de Cassirer n’*A filosofia do Iluminismo* busca considerar a história da filosofia e os desdobramentos culturais do período, não apenas com o objetivo de estabelecer e descrever os resultados, mas também de revelar as forças criadoras, de *autoexpressão do espírito* que contribuem para a elaboração íntima desses resultados. Enquanto força de autoexpressão do

espírito, a *filosofia do iluminismo* expõe o permanente fluxo conceitual e a dinamicidade do período (Cassirer, 1992, p. 12).

Em *O ensaio sobre o homem* (1944), cujo projeto original era o de um resumo sistemático da Filosofia das formas simbólicas, Cassirer enriquece sua análise do contexto da cultura, nos fornecendo para além de um compêndio de ideias, sua análise ressystematizada acerca da relação entre as formas simbólicas, homem e a cultura. Cassirer sustenta que, ao estudar o homem como um ser simbólico, podemos alcançar uma compreensão mais profunda de nossa própria natureza, como *Animal Symbolicum*, e das diversas manifestações culturais que moldam nossa experiência no mundo, num arco maior de *formas simbólicas*: mito e religião, linguagem, arte, história e ciência.

Neste ponto, porém, necessitamos fazer uma distinção clara entre o ponto de vista material e o formal. A cultura humana está sem dúvidas dividida em várias atividades que procedem segundo linhas diferentes e perseguem fins distintos. Se nos contentarmos em contemplar os resultados dessas atividades – as criações do mito, os ritos ou credos religiosos, obras de arte, teorias científicas – parece impossível reduzi-los a um denominador comum. Uma síntese filosófica, porém, significa algo diferente. O que procuramos aqui não é uma unidade de efeitos, mas uma unidade de ação; uma unidade não de produtos, mas de processo criativo. Se o termo “humanidade” quer dizer alguma coisa, quer dizer que, a respeito de todas as diferenças e oposições que existem entre várias formas, todas elas estão, mesmo assim, trabalhando para um fim comum. (Cassirer, 2021, p. 119)

Essa perspectiva revestida em um viés otimista não inteiramente problematizado, recebe ainda em 1944, um ponto de virada com a publicação de textos como *Judaísmo e os mitos políticos* (1944) e *O mito do estado* (1944), que foi primeiramente publicado como ensaio e posteriormente viria a se tornar uma pesquisa ampliada e publicada como livro homônimo e de publicação póstuma em 1946, Cassirer compreende de modo diferente a relação entre mito e linguagem, e aponta um caráter negativo nessa relação. E aqui adentramos a nossa segunda problemática: Quanto do pensamento mítico está impregnado na nossa linguagem e por mais funcionalizada que ela possa se apresentar, como essa articulação se mostrou ser danosa à cultura humana?

Cassirer procurará definir quais as estruturas fundamentais do mito e como tais estruturas apontam para a forma da consciência mítica. Tratando-se, pois, de um princípio do método transcendental, isto é, um método onde a tarefa filosófica consiste em definir quais são as condições de possibilidade para a existência do fenômeno da consciência mítica, e muito embora Cassirer tenha percebido e denunciado os elementos míticos que persistiram no

desenvolvimento racional do pensamento ocidental, ele ainda persiste com o seu viés otimista em relação a ‘razão’ que reside no conceito de funcionalização, isto é, naquela dessubstancialização do pensamento. Essa apontaria para uma superação dos elementos regressivos das formas míticas do pensamento que em seu tensionamento dialético com a forma simbólica da linguagem residiriam nas formas da arte e do pensamento religioso.

Entretanto, ao aceitar cabalmente a tese central sobre a qual é a expressão *in nuce* do mito Cassirer afirma: “O mito é a própria simplicidade; nada mais é que a *sancta simplicitas* da raça humana. Não é produto de reflexão ou pensamento nem podemos considerar satisfatório descrevê-lo como produto da imaginação humana.” (Cassirer, 2003, p. 21). Neste ponto, apresento a hipótese de que Cassirer apresenta uma contradição interna em sua obra – ou pelo menos uma abrupta mudança de posição. Em primeiro lugar, buscou-se o *limite sem fronteiras* entre linguagem e mito, sua tensionalidade portanto, é o que tem de novo na *Filosofia das Formas Simbólicas*, que culmina na reconstrução da história do pensamento, não apenas como uma descrição de ideias, mas como uma autorreflexão do espírito, como a atividade produtiva do ser humano: a cultura; em segundo, ao aplicar o produto dessa articulação à atividade cultural Cassirer obtém como resultado, um progresso de funcionalização de conhecimento, o que indica, segundo ele, um ganho cultural expresso no *Ensaio Sobre o Homem* de 1944. Esse movimento otimista, se encerra no texto *O judaísmo e os mitos políticos*, também de 1944.

4 Considerações finais

Buscou-se investigar neste trabalho a hipótese central de que a filosofia das formas simbólicas tem como característica fundamental, em seu projeto inicial, a tensão entre duas formas simbólicas, a saber a linguagem e o mito. Essa tensão, aqui representada como “limites sem fronteiras”, resguarda os elementos, que até então, eram observados apenas como progressivos, afinal, para não se perder na pura lógica simbólica se faz necessário a capacidade expressiva e intuitiva na linguagem. Ao investigar a relação da forma simbólica com a cultura, foi evidenciado o otimismo em relação ao progresso funcional do conhecimento e seus ganhos culturais, entretanto, em 1944 Cassirer expressa profunda preocupação com os elementos do totalitarismo político e cultural, e a hipótese aqui trabalhada é que isso expressa uma contradição não evidenciada pelo pensador marbuguense.

Referências

BRAGA, Joaquim. O estatuto da “obra” do objecto cultural em Ernst Cassirer, in: BRAGA, Joaquim; GARCIA, Rafael (Orgs.). Antropologia da individuação: estudos sobre o pensamento de Ernst Cassirer. Rio Grande do Sul: Editora Fi, 2017, p. 35-54.

_____. *Revisão de um itinerário filosófico: da ideia de cultura ao conceito de forma simbólica*. DEDiCA: revista de educação e humanidades, n. 3, Granada, p. 43-60, 2012.

CASSIRER, Ernst. A filosofia do Iluminismo. São Paulo: Editora Unicamp, 1992.

_____. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

_____. Filosofia das Formas Simbólicas: A linguagem, v. I. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. Filosofia das Formas Simbólicas: O pensamento mítico, v. II. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Filosofia das Formas Simbólicas: Fenomenologia do conhecimento, v. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Indivíduo e cosmos na filosofia do renascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Linguagem e mito. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

_____. O mito do estado. São Paulo: Editora Conex, 2003.

GARCIA, Rafael R. Genealogia das Formas Simbólicas: sobre a Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer. London: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

MOTZKIN, Gabriel. Cassirer’s philosophy of symbolic forms: a foundational reading, in: BARASH, Jeffrey Andrew (Ed.). The symbolic construction of reality: the legacy of Ernst Cassirer. Chicago/London: The University Chicago Press, 2008, p. 73-92.

OZ-SALZBERGER, Fania. Cassirer’s enlightenment and its recent critics: is reason out of season?, in: BARASH, Jeffrey Andrew (Ed.). The symbolic construction of reality: the legacy of Ernst Cassirer. Chicago/London: The University Chicago Press, 2008, p. 163-173.

PORTA, Mário A. G. Estudos neokantianos. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SYLLA, Josef Bernhard. Será que a linguagem determina a cultura? As posições de Humboldt e Cassirer em torno desta questão, in: BRAGA, Joaquim; GARCIA, Rafael (Orgs.). Antropologia da individuação: estudos sobre o pensamento de Ernst Cassirer. Rio Grande do Sul: Editora Fi, 2017, p. 143-162.

Sobre o autor

José Ygor de Almeida Barros

Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE.

<https://orcid.org/0000-0002-8033-1760>
ygorabarro@gmail.com

Recebido em: 1 de dezembro de 2025.

Aprovado em: 5 de fevereiro de 2026.